

## **Tópicos - Abertura do 3º Congresso Internacional de Capital de Risco**

**Realizado em Lisboa no passado dia 21 de Maio de 2003**

**Professor Miguel Cruz – Coordenador POE**

- 1) Agradecer o convite que o Dr Francisco Banha me efectuou e a possibilidade de me encontrar na abertura de uma Iniciativa com um tão Prestigiado Painel de Oradores.
- 2) Esta é a 3ª Iniciativa organizada pela Gesventure, que vem dar mais uma oportunidade de Discutir/ Debater os principais temas e tendências do Capital de Risco. E reconheça-se, muito há a aprofundar neste âmbito em Portugal e na Europa.

A situação do “Venture Capital” nos Estados Unidos continua a ser uma referência significativa e muito bem estudada nomeadamente por dois autores de referência- Paul Gompers & Josh Lerner.

O mesmo não se passa na Europa. É notório que há diferenças significativas na formulação de expectativas de operadores de capital de risco. Nos EUA ( Start- up Funds) é notória a aposta no risco e o papel interventivo na gestão inicial, com o objectivo de levar a Empresa à Oferta Pública Inicial. Na Europa a expectativa dos operadores é muito distinta. Mas também o é a dimensão, liquidez e desenvolvimento do mercado de capitais.

E do lado da procura? A estrutura de “Governance” das empresas é também muito distinta. As empresas mostram menos apetência e “Awareness” para os instrumentos de “Venture Capital”. E, se muitas vezes existe capacidade financeira do lado da oferta, falha muitas vezes o **Espírito Empreendedor**.

E se há uma conclusão a tirar do até agora referido é que indispensável apostar nos instrumentos de Capital de Risco, inovando e aprofundando, mas também no Espírito Empresarial; e na promoção e disseminação de novas iniciativas empresarias de sucesso.

Como referiu o Dr. Francisco Banha num texto recente importa dar “*prioridade a valores como a geração e distribuição de riqueza, independência, inovação, criatividade, auto- sustentação(...)*” **A propagação do” vírus do empreendedor”**

- 3) A UE só muito recentemente assentou a sua estratégia em termos de Capital de Risco, no tocante aos auxílios de estado, e no que respeita ao papel do Capital de Risco na política regional.

Fê-lo finalmente, e não tenho pejo em dizê-lo, muito influenciado pelas posições tomadas pelo POE no tocante à aplicação da sua medida de inovação financeira, e pela forte intervenção do IAPMEI e em particular do meu bom Amigo José Fernando Figueiredo.

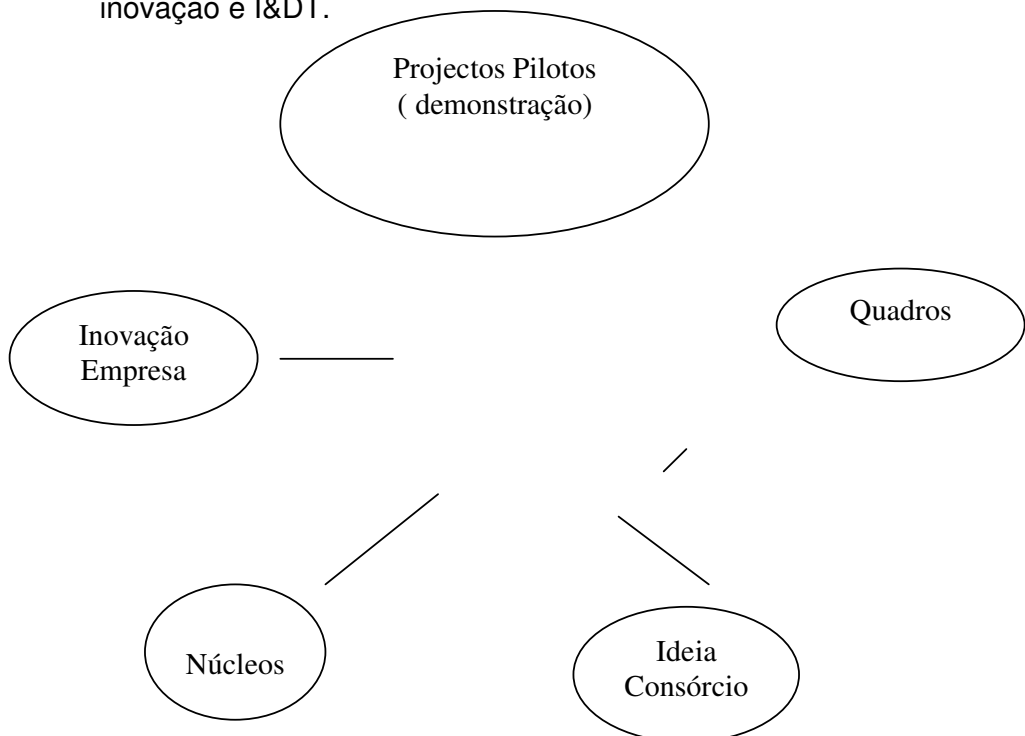
Se é verdade que o “**risk capital action plan**” foi aprovado em Cardiff em Junho de 1998, o que é certo é que um guia para o Capital de Risco só surge de forma estruturada em 2002, e só aí é que a articulação com as regras de ajudas de Estado se encontram razoavelmente definidas.

Esta definição teve desde logo impactos positivos ao nos fornecer uma base de sustentação maior para avançar com iniciativas como por exemplo o NEST.

Em termos de aplicação de fundo comunitários, em Capital de Risco, Portugal surge, para o período 2000- 2006 como o terceiro país logo a seguir à Espanha e ao Reino Unido com maior volume de fundos comunitários orçamentados.

E esta aposta que já estava presente no POE tem vindo a ser publicamente reforçada pelo Sr. Ministro da Economia e está presente na Reorçamentação Prime com a constituição de um pacote de medidas:

- Reforço do Capital de Risco- apoio aos Fundos;
- Lançamento do Programa Nest que incentiva o aparecimento de novas empresas de suporte tecnológico, com uma forte intervenção do capital de risco;
- O previsto completar da abrangência e medidas na área da inovação e I&DT.



Isto faz sentido. Diz-se com frequência que qualquer regime de apoio introduz elementos distorcedores no mercado (de que a subsídio dependência tem sido, provavelmente um expoente máximo).

Mesmo que isso seja considerado como verdade para apoios de carácter generalista, já é duvidoso que no tocante à inovação tal possa ser dito para apoios em que a procura é limitada, os critérios de avaliação estreitos e a oferta exigente. Por maioria de razão o mesmo não se passa como a medida de inovação financeira em que se apoia os “instrumentos”/fundos que depois farão a sua aplicação às empresas.

Agora o essencial é saber aproveitar as oportunidades. O mercado de capitais é estreito e a actual envolvente é desfavorável. O aperto nos plafonds de crédito tem sido limitativo para o empreendedorismo, e é aqui que a oportunidade tem de surgir.

Gostaria de reafirmar aqui que não vai ser por falta de verbas no POE/PRIME que as oportunidades não vão surgir.

Muito Obrigado

Bom Trabalho